

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: UM DURADOURO ENCONTRO

Esmeralda Blanco Bolsonaro de MOURA

“E aqueles que estiveram comigo nas horas
concluídas

Ainda impressionam o ar”.

Joaquim Cardozo.

*(Poesia da Presença Invisível, in Félix, 1978,
p.86).*

Em 1997, decorridos quinze anos da morte de Sérgio Buarque de Holanda, apresentamos ao Centro de Demografia Histórica da América Latina - CEDHAL, a proposta de colóquio sobre o consagrado historiador. Acolhida pela direção do CEDHAL, na pessoa da Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara, a proposta procurava atender à reivindicação de alunos de Pós-graduação que se diziam ansiosos em ver discutido o conjunto da produção intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, sua contribuição para a historiografia brasileira, bem como sua passagem pela Universidade de São Paulo. Mais do que isso, era possível perceber que movia-os a curiosidade intelectual de desvendar não somente o historiador mas, o homem em suas várias dimensões, bem como sua própria inserção na História do país cujas raízes buscara compreender e dar a conhecer.

Excelente pretexto para recordar os anos derradeiros da década de 1960, nossos primeiros contatos com a Universidade e o fato de que nós - que havíamos então recentemente ingressado no curso de História - não lográramos partilhar da presença de Sérgio Buarque de Holanda. Experimentando ainda uma inevitável sensação de perda, lembramo-nos

de uma tarde em que, nos corredores do Departamento de História foi possível divisar, pela última vez, o perfil de Sérgio Buarque de Holanda, que alguém apontou como o “pai do Chico”, de resto como ele próprio - ao que dizem (Prado, 1992, p. 1) - gostava de se apresentar. Nosso encontro foi rápido demais, pautado na observação discreta de estudante que não ousou se aproximar, encontro do qual ele sequer se apercebeu mas, que marcou nossos primeiros semestres de aluna do curso de História, cientes já de sua despedida da Universidade. Formalmente, sua carreira estava se encerrando ali, em decisão cunhada na convicção de que deveria ser solidário aos professores cassados pelo regime militar e repudiar a intervenção na Universidade de São Paulo. Essa decisão de afastar-se das funções que nela exercia, imprimia à aposentadoria de Sérgio Buarque de Holanda, o diferencial de traduzir-se em atitude política, em demonstração de que ainda era possível a manifestação de liberdade de expressão - e de escolha - em tempos que marchavam sob os ditames do AI-5.

Em nossa inexperiência de estudante, jamais teria sido possível imaginar que aquele encontro rápido, contraditoriamente solitário, seria infinitamente duradouro. Em 1998, em artigo publicado na Revista USP, José Sebastião Witter, lembrando a convivência com Sérgio Buarque de Holanda como aluno, orientando, assim como na docência, afirmava que, ao decidir-se pela aposentadoria, “saía de cena, na Universidade, o homem que trouxera brilho impar aos estudos de nossa vida acadêmica” (Witter, 1998, p. 22). Mas, o seminário realizado no CEDHAL - e que não sem propósito, fora intitulado de *Formando historiadores*, - havia demonstrado que, se a carreira de Sérgio Buarque de Holanda encerrara-se formalmente em meio aos dissabores da década de 1960, o historiador - homenageado com a presença e o depoimento de seus discípulos e não somente a partir da discussão de suas obras e de sua importância na e para a historiografia brasileira - não saía de cena, perpetuando-se no cenário da Universidade, naqueles que havia formado e, através deles, nas gerações posteriores*.

(*) Participaram do colóquio, cuja coordenação compartilhamos com a Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara, também os Professores Doutores José Sebastião Witter, Laima Mesgravis, Maria de Lourdes Monaco Janotti, Maria Odila Leite da Silva Dias, Maria Thereza Schorer Petrone e Suely Robles Reis de Queiroz, todos do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. O colóquio foi gravado em vídeo pelo Centro de Apoio à Pesquisa em História - CAPH.

Em maio de 1981, em conhecida entrevista ao historiador Richard Graham, da Universidade do Texas, Sérgio Buarque de Holanda afirmava que sua maior satisfação como historiador residia no “sucesso em formar um grupo de historiadores de verdade” sem, no entanto, deixar de frisar que havia formado um grupo mas, que era dado a cada um seguir “seu próprio caminho” (Ciência e Cultura, 1982, p. 1177). É Witter, ainda, quem faz referência às sólidas “bases (...) deixadas pelo professor”, permeadas pelo espírito aberto do Mestre, conforme o reverencia (*op. cit.*, p. 27). Espírito aberto, que talvez explique o historiador preocupado em “fazer falar a multidão”, (Holanda, 1980, p. 44)) bem como o crítico literário que situava a função maior da crítica na decisiva possibilidade de “colaborar para o esforço de recriação” (Prado, *op. cit.*, p. 1) e que a abandonara - dizia - porque nela, ainda que fosse considerado audacioso, não se sentia “à vontade” (Senna, 1968, p. 112 *apud* Schapochnik, 1999, p. 182).

Talvez, uma referência para ilustrar essa postura, esteja em *Raízes do Brasil* quando, reportando-se à “mentalidade criada ao contato de um meio patriarcal”, não hesita em apontar, para a juventude, a importância de “viver por si”, de libertar-se revendo “interesses, atividades, valores, sentimentos, atitudes e crenças adquiridos no convívio da família” - para alcançar o necessário senso de responsabilidade, liberdade cuja importância colocava em patamar semelhante ao dos conhecimentos ministrados pelas faculdades (Holanda, 1976, p. 104). Outra referência possível estaria na apresentação às *Obras Econômicas* de Azeredo Coutinho, onde destaca o fato de que o mesmo, apesar do apego a idéias avançadas, em relação a seus contemporâneos, manteve-se “política e socialmente um conservador”, verdadeiramente “inverso aos ideais democráticos”, acentuando que

“No fundo nunca se despreendeu da velha tradição familiar, tradição de grandes proprietários e lavradores, e assim, nem a experiência universitária, nem o estado clerical, nem a viva curiosidade de espírito, que o levava a absorver uma ou outra doutrina progressista da época, chegariam a apagar nele o vinco do senhor rural.” (Holanda, 1966, pp. 25/26),

Em suma, identificava no peso das tradições - ainda ao sabor das convicções modernistas - férreos grilhões e laços pouco fecundos a orientar o destino dos mais jovens. As palavras de Witter, referindo-se a

ele como “um grande professor”, somam-se às observações acima, ilustrando-as com o sentido que imprimia à prática da docência na sua mais ampla expressão: “Sabia ensinar e preparar seus assistentes e fazer deles profissionais conscientes de suas responsabilidades”, orientando “sem castrar”, mostrando “os caminhos” e respeitando, “sobretudo, a personalidade de cada um” (*op. cit.*, p. 25).

A trajetória do intelectual que havia partilhado da efervescente intelectualidade dos anos 20 e que nos anos 30 traria à luz *Raízes do Brasil*, deitaria na Universidade de São Paulo suas próprias raízes, fazendo-as frutificar em projetos que resultariam na coleção *História Geral da Civilização Brasileira* e na criação, na década de 60, do Instituto de Estudos Brasileiros - IEB. Em ambos, seu olhar diferenciado sobre a História e as Ciências Humanas, deixaria lastros importantes tanto em termos do conhecimento histórico, quanto em termos do vigor da multidisciplinaridade, da qual sua própria formação e sua experiência de vida constituíam o mais vivo exemplo, somada, ao pesquisador incansável na tentativa de desvendar o Brasil, a capacidade de crítica conferida pela erudição. Sua permanente atualidade é, sem dúvida, resultado da capacidade de mostrar caminhos, de flexibilizar as fronteiras do conhecimento, de procurar mostrar um Brasil “em movimento” - como dizia - e não simplesmente urbano ou “olhando para o Atlântico” (*Ciência e Cultura*, 1982, p. 1179), de ter colocado o dilema de entender uma cordialidade esgarçando-se na violência, de ter descoberto um outro Brasil, menos povoado de heróis mas, profundamente crivado de “figurantes mudos” (Holanda, 1980, p. 44), de ter se antecipado nos estudos da população brasileira, de suas práticas culturais, de seu “triste viver cotidiano e caseiro” (Holanda, 1986, p. 26), de ter desbravado com sua pena de ensaísta, o Brasil indígena, negro e mestiço. Resultado, em suma, do fato de não ter sido seduzido por fórmulas simplificadoras e redutoras da “complexidade dos processos históricos” (Idem, p. 90) mas, de ter se lançado ao universo das fontes, em busca de um Brasil mais autêntico.

Esse outro olhar, perscrutando nosso passado, olhar que, afirmava, tornou-se mais apurado no distanciamento em terras alemãs, flui ainda hoje de seus textos, convidando-nos a um mergulho profundo no passado e em nós mesmos, fazendo-nos rever convicções, identificar tensões, descobrindo-o invariavelmente como pioneiro em vários sentidos. É Rubens Borba de Moraes quem, apresentando um dos volumes da

coleção *História Geral da Civilização Brasileira*, apropriadamente chama a atenção, na contracapa, para o fato de que nele,

“a vida espiritual, as ciências, a economia, as letras e as artes (...) tomam o lugar predominante. Esses aspectos da vida nos tempos coloniais, até agora estudados isoladamente, integram o panorama geral e tomam o seu devido lugar no quadro da nossa evolução histórica. É grato notar que pela primeira vez numa história do Brasil estuda-se a música, as finanças e até a medicina nos tempos coloniais” (Moraes *in* Holanda, 1960).

Como se percebe, os traços da historiografia brasileira alual estão lá, visíveis há mais de três décadas, como indelévels sintomas da sensibilidade aguçada que movia o historiador rumo a novos objetos e abordagens. Alargando, enriquecendo com novas nuances os horizontes da História do Brasil, Sérgio Buarque de Holanda imprimiria novos tons às possibilidades de fazer História. Ainda assim, responde a Graham, na entrevista citada, que não sabe dizer se teria influenciado seus alunos, “se poderia falar de influência”, mas que sabia haver estado “sempre próximo a eles” (*Ciência e Cultura*, 1982, p. 1177).

Essa proximidade, que incluía o relacionamento com os alunos, para além dos muros da universidade - e que segundo relata, às vezes os surpreendia, como no Chile, quando pergunta se haveria “um bom restaurante onde (...) todos” pudessem ir (*idem*) - flui das lembranças de Witter, ao referir-se aos “encontros na rua Buri, 35” - residência do Mestre - e à “convivência com o dr. Sérgio naquela sala de estar”, como experiência ainda hoje inspiradora, porque “está sempre presente” quando começa “a escrever uma pequena crônica ou um trabalho de fôlego” (Witter, 1998, p. 24).

As menções ao Professor Sérgio não excluem sua presença em sala de aula. Aulas que eram, na impressão registrada por Witter, “verdadeiras conferências (...) muitas delas difíceis de entender”, resultado da erudição do Mestre, detentor de dados nem sempre presentes no referencial dos alunos, o que fazia com que fosse ao mesmo tempo, admirado e detestado por eles que,

“Somente mais tarde, muito mais tarde”, iriam “entender a importância de suas exigências” (Witter, *op. cit.*, p. 23).

Há, ainda, outras menções referentes a Sérgio Buarque de Holanda como expositor e que dizem respeito, não à complexidade de seus conhecimentos e de seu pensamento mas, a características pessoais do Mestre, como “a fala difícil, muito arrastada, (...) o jeito de falar meio enfadonho”, a dicção pouco clara, conforme afirmações atribuídas a Francisco Iglésias e publicadas pelo suplemento *Cultura* - do jornal *O Estado de S. Paulo* - por ocasião do 10º aniversário da morte do historiador (Castello, 1992, p. 3). O próprio Sérgio Buarque de Holanda não omite, respondendo a Graham, as “frequentes obscuridades” nas quais tropeçava ao retomar o que havia escrito “há algum tempo”, obscuridades “de que não tomava conhecimento antes, a despeito das advertências” dos “amigos”, frisando haver envidado esforços para superar o fato de que

“falava e escrevia como se fosse só para [si] mesmo sem consciência da pessoa a quem [se] dirigia ou do eventual leitor”(*Ciência e Cultura*, 1982, p. 1182).

Essas características, no entanto, não o impediram de tornar-se “homem de escrita viva e elegante”, assim como não aparecem sobrepostas ao erudito, ao bom professor e orientador, e mesmo ao “homem divertido, que adorava contar piadas, fazer observações acuradas e comentários maliciosos” - o que teria impregnado de folclore sua história de vida - enfim, ao homem que, como conclui Iglésias, era difícil não admirar. (Castello, 1992, p.3).

Releva situar, ainda, a passagem da entrevista a Richard Graham na qual, relatando sua chegada à cidade de Chicago, foi recebido na estação ferroviária por uma senhora que afirmou reconhecê-lo porque estava levando um guarda-chuva. Menção sutil ao fato de que frequentemente somos levados pela exterioridade daquilo que nos é dado observar? Pode ser. O fato é que Sérgio Buarque de Holanda revela-se, na entrevista, um observador de olhar aguçado sobre o comportamento humano e sobre as próprias reações diante das experiências que logrou viver no decorrer de sua trajetória de intelectual quer no Brasil, quer fora dele, não omitindo passagens - conforme ficou claro anteriormente - nas quais relata suas próprias dificuldades, como não falar “muito inglês” ou ter de copiar “às pressas” o que havia no Consulado Brasileiro “sobre a produção de borracha no Brasil” para encher de dados os ouvidos americanos e não ser instado a “responder a nenhuma pergunta sobre o

assunto”. Assim como, não omite ocasiões em que reconhece haver trabalhado “duro, até tarde da noite, lendo e relendo freneticamente”, focalizando a própria trajetória como uma “conquista gradual” e não como “dádiva milagrosa” (*Ciência e Cultura*, 1982, pp. 1181/1182).

As lições que Sérgio Buarque de Holanda deixou são inegáveis e não se resumem somente na inquestionável erudição, no olhar penetrante ao indagar o passado mas, no presente cultivado - conforme faz questão de frisar na citada entrevista - no contato pessoal com os alunos - sem dúvida, uma fonte de transmissão de conhecimentos tão rica quanto os espaços formais da academia - e que provavelmente traduzia a transposição para a vida prática, daquele que havia sido, para ele, o principal significado do Modernismo, ou seja, a “ruptura com o formalismo das tradições mais antigas” (*Ciência e Cultura*, 1982, p. 1180).

Se, respondendo mais uma vez a Graham, identifica no golpe de Estado de 64 efeitos negativos em relação à produção histórica no Brasil, é importante lembrar que, buscando o entendimento pleno de nossas questões no confronto, no contraponto, na similitude e na diversidade ou, como resume Antonio Candido ao elucidar o significado de *Raízes do Brasil*, apoiado “sobre uma admirável metodologia dos contrários”(Candido *in* Holanda, 1976, p. XIV), sua obra lançaria uma outra luz sobre nossa própria caminhada na História, iluminando assim, a despeito das trevas, os caminhos que a historiografia ainda iria trilhar. De fato, de Sérgio Buarque de Holanda não herdamos apenas conhecimentos mas, cumpre indagar: quantas inquietações sua análise de nosso passado não fez brotar nos estudiosos que o sucederam, tenham ou não convivido com ele? Quantas sugestões não semeou, com suas obras, no espírito das futuras gerações de historiadores?

Resta lembrar - sobretudo porque para ele não se tratava de mero formalismo - a ênfase na importância de escrever bem, de buscar “a palavra correta, não a floreada - ou frondosa - mas a exata e incisiva”, e o conselho que, argüido por Graham, “daria aos historiadores mais jovens”:

“(…). Você deve ser conciso, se não por outra razão, somente porque, de outro modo, o leitor pode cansar-se de *você*” (*Ciência e Cultura*, 1982, p. 1182).

Não há, provavelmente, forma mais correta de resumir o propósito deste texto, - assim como a forte impressão deixada pelo

seminário realizado no CEDHAL - do que recorrer mais uma vez à palavra de Antonio Candido - correta, exata, incisiva e, portanto, bem ao gosto de Sérgio Buarque de Holanda - ao introduzir *Capítulos de Literatura Colonial*:

“Ainda depois de morto, Sérgio Buarque de Holanda mostra a vastidão do seu saber, a precisão do seu juízo e a originalidade dos seus pontos de vista, comprovando que havia nele um grande crítico ao lado do grande historiador, um dos maiores do sécu!o” (Candido, 1991, p. 1).

Aquele que poderíamos chamar de encontro **sobre** Sérgio Buarque de Holanda configurou, na presença daqueles que com ele haviam convivido nas salas de aula, que haviam partilhado não somente de sua erudição e ensinamentos mas, de sua vida no aconchego da família, um verdadeiro encontro com Sérgio Buarque de Holanda. Momento, portanto, privilegiado para refletir, acima de tudo, sobre seu legado, firmou de fato a convicção de que sua presença entre nós não se esgotou e, possivelmente, não se esgote nunca. A convicção, enfim, de que o legado de um professor - quando se trata de um intelectual completo - não se esgota no ato de encerrar formalmente a carreira, sejam quais forem as circunstâncias, de que seus ensinamentos, como sementes lançadas em terra fértil, germinam a despeito das tempestades, renascendo e renovando-se sempre. Ou, como diria mais uma vez o poeta,

“Cresceram, cresceram as árvores da noite,
Subiram das cavernas, dos poços e das minas,
Sobre mortas raízes renasceram, sobre pétreas raízes
E as frondes elevaram além dos círculos celestes”
Joaquim Cardozo.

(*Prelúdio e elegia de uma despedida*, in Félix, 1978, p. 88).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, Antonio, “Livro inédito de Sérgio Buarque de Holanda”. **Cultura**, suplemento de *O Estado de S. Paulo*, 15 de junho de 1991.
- CANDIDO, Antonio. “O Significado de Raízes do Brasil”, in Sérgio Buarque de Holanda, **Raízes do Brasil**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

- CASTELLO, José. “FoIclore. Divertido e malicioso, só quando estava com amigos”. **Cultura**, suplemento de *O Estado de S. Paulo*, 25 de abril de 1992.
- ENTREVISTA a Richard Graham, publicada na *Hispanic American Historical Review*, 62 (1), 1982, Duke University Press, EUA, pp. 3-17. Traduzida por Alcides Jorge Costa e publicada em **Ciência e Cultura**, 34 (9), setembro de 1982, revista da SBPC, São Paulo, com o título de “Uma Entrevista com Sérgio Buarque de Holanda”.
- FÉLIX, Moacir. “Nosso Adeus a Joaquim Cardozo”. **Encontros com a Civilização Brasileira**, nº 6. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, dezembro de 1978.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Apresentação”, in **Obras Econômicas de J. J. da Cunha de Azeredo Coutinho (1794-1804)**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1966.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O Extremo Oeste**. São Paulo, Brasiliense/Secretaria de Estado da Cultura, 1986.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Prefácio”, in Thomas Davatz, **Memórias de um Colono no Brasil (1850)**. Tradução: Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo/Belo Horizonte, Edusp/Itatiaia, 1980.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**, 10ª edição. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1976.
- MORAES, Rubens Borba de. “Contracapa”, in Sérgio Buarque de Holanda, direção. **História Geral da Civilização Brasileira**, tomo I, A Época Colonial, volume 2, Administração, Economia e Sociedade. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960.
- PRADO, Antonio Arnoni. “Sérgio Buarque de Holanda: o intelectual que em uma crítica mobilizava a civilização ocidental”. **Cultura**. Suplemento de *O Estado de S. Paulo*, 25 de abril de 1992.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. “Sérgio Buarque de Holanda, um crítico impertinente”, in Antonio Celso Ferreira e outros, organizadores. **Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- WITTER, José Sebastião. “Sérgio Buarque de Holanda - algumas lembranças”. **Revista USP**, São Paulo (38): 20-27, junho/agosto de 1998.